

O Animador Sociocultural agente impulsor de novas dinâmicas sociais, artísticas e culturais: A tradição popular, olhares renovados para uma nova realidade e um futuro rememorado na criação cultural de raiz popular – Os Velha Gaiteira

**O ANIMADOR SOCIOCULTURAL AGENTE IMPULSIONADOR DE NOVAS
DINÂMICAS SOCIAIS, ARTÍSTICAS E CULTURAIS: A TRADIÇÃO E O POPULAR,
OLHARES RENOVADOS PARA UMA NOVA REALIDADE E UM FUTURO
REMEMORADO NA CRIAÇÃO CULTURAL DE RAIZ POPULAR – OS VELHA
GAITEIRA**

Maria do Rosário da Silva Santana
*Unidade de Investigação para o Desenvolvimento do Interior
Instituto Politécnico da Guarda*

Helena Maria da Silva Santana
INET-md, Universidade de Aveiro

Resumo

A animação sociocultural, detentora de estratégias adequadas à motivação e dinamização da sociedade civil, desenvolve integralmente a comunidade, enfatizando os mecanismos dinamizadores e motivadores dos indivíduos e grupos, transformando-os em motores impulsoradores da comunidade, tornando-os protagonistas do seu próprio desenvolvimento.

Socorrendo-se de metodologias participativas baseadas na investigação-ação, a animação sociocultural recria serviços e estratégias de intervenção no desenvolvimento comunitário quer a nível social quer cultural, educativo ou outro, incorporando saberes e tradições locais.

Perceber de que forma o trabalho do animador sociocultural incorpora essas mesmas tradições - orais, musicais ou outras -, na realização do seu trabalho e na determinação dos objetos artísticos que consubstancia, será fundamental para a determinação de uma nova realidade performática e cultural.

Apresentando um caso em particular, os Velha Gaiteira, pretendemos perceber como o religioso e o profano se mostram e utilizam na determinação de espaços de arte em concreto. Através da análise do seu trabalho, compreenderemos de que forma o futuro das nossas tradições (musicais, profanas, religiosas ou outras), se unificam em espaços de realização e divulgação cultural, preservando uma nova realidade e um novo futuro para a criação cultural de raiz popular e para o papel do animador sociocultural enquanto agente civilizacional.

Enquadramento teórico

A animação sociocultural é uma ferramenta de atuação adequada para motivar e estimular a sociedade civil nas suas mais diversas áreas. Desenvolvendo integralmente a comunidade, afeta os mecanismos dinamizadores e motivadores dos indivíduos e grupos, transformando-os em motores instigadores da comunidade, tornando-os protagonistas do seu próprio desenvolvimento. O fortalecimento do tecido social, brotando da carência e da procura de respostas face às suas necessidades, leva toda uma comunidade a procurar as soluções necessárias a conduzirem a bom termo as mudanças e transformações essenciais ao sucesso das suas práticas e iniciativas; a legitimação da sua voz, útil a uma adequada repartição e socialização do poder (Trilla, 2004). A sua intervenção visa não só uma democratização cultural, mas também um exercício de participação real dos indivíduos. Tendo uma visão sistémica, não vê a realidade como a soma de todas as partes, mas como a sua interligação e influência recíprocas, encarando o sistema como um organismo vivo. Recorrendo a trabalho e equipas multidisciplinares onde todos os agentes trabalham sistematicamente e coordenadamente para recrear serviços e intervenções com

visita ao desenvolvimento comunitário, inclui as diferentes áreas de desenvolvimento pessoal e comunitário. Devido à complexidade de estruturas e serviços, conta também com a cooperação de técnicos especializados. A animação sociocultural valoriza o indivíduo em si, e em grupo, quebrando a apatia e explorando as suas qualidades. Dando-lhes real protagonismo a partir das necessidades e ações que deles surgam, não possui uma visão estigmatizada ou de exclusão, seja do indivíduo, seja do grupo.

Socorrendo-se de metodologias participativas baseadas na investigação-ação, a animação sociocultural recorre a estratégias de intervenção, úteis no desenvolvimento da comunidade. Assim sendo, são necessários métodos e técnicas que partam das necessidades reais dos indivíduos, da análise da realidade, da forma mais científica possível, e da flexibilidade das ações, tornando assim todo o processo vivo, em constante evolução e avaliação, (e se necessário reformulação), para que o objetivo último esteja sempre presente: a melhoria da qualidade de vida. A ação de grupos de indivíduos na pesquisa e manutenção do património local e regional, permite uma revitalização dos locais e das tradições, ferramentas lúdicas e únicas que nos dão a conhecer as identidades e pertenças dos povos e lugares. As diferenças surgem como uma mais-valia patrimonial e territorial na revelação de lugares e tradições sendo motivo de divulgação do saber local e de regiões em particular.

Portugal atravessa, atualmente, um grande desafio perante a necessidade de efetuar mudanças profundas que permitam colmatar as assimetrias existentes, contendo e contrariando o sucessivo esvaziamento populacional dos territórios rurais. Nas últimas décadas verificaram-se inegáveis progressos na qualidade de vida dos portugueses, realizando-se importantes obras de infraestruturas, modernizando-se a economia e os espaços. Contudo, as disparidades regionais são ainda muito significativas. Portugal precisa, ainda, de evoluir qualitativamente num processo de desenvolvimento. Isto só será possível se for acompanhado de um maior equilíbrio entre regiões e territórios, e do aumento do bem-estar das suas populações, preservando e potenciando os valores ambientais. Acrescente-se ainda um potencial endógeno dos territórios rurais a desenvolver, num novo quadro de funções mais alargadas e que corresponde a novas procuras e atividades entretanto valorizadas.

A globalização e massificação de produtos e serviços deteve uma forte influência nos movimentos migratórios, assim como na concentração das populações em grandes polos urbanos. O desenvolvimento industrial e tecnológico contribuindo para o progresso e auge económicos excluiu indivíduos “inaptos” para acompanhar o ritmo de mudança e de adaptação às novas tecnologias da informação e comunicação. A tecnologia, cooperando para uma sociedade cada vez mais tecnológica e individualista dificulta, por vezes, a comunicação direta e as relações interpessoais, encontrando-se estas em risco de desaparecimento. O desenvolvimento torna-se assim, desajustado e a comunicação, efectuada num só sentido, não se enquadra na realidade exclusiva da proximidade rural. As novas tecnologias da informação e comunicação, sendo uma ferramenta de sucesso nas estratégias de divulgação de informação e dos territórios que dela se apropriam, esvaziou de conteúdo as relações interpessoais dos indivíduos, pelo uso supérfluo e inapto de mecanismos promotores de solidão. Urge divulgar junto das populações jovens a riqueza que surge do contacto direto entre indivíduos e da troca de saberes, ideais e ideologias. Promovendo a discussão e o diálogo entre pares, a recolha direta de informação junto das populações é uma ferramenta única na preservação e divulgação de saberes de tradição oral que

instã defender face à perda de um património único, pertença das populações envelhecidas do nosso território e ao qual só temos acesso pela transmissão oral.

Assim, a animação sociocultural servindo-se do processo investigação-ação, procede à análise da realidade do território recorrendo à recolha *in situ* dos dados. O diagnóstico, coerente e real, conduz a uma realidade que encerra em si o valor patrimonial, mas que só funciona com a sua correta interpretação pela espacialização, inventariação e explicação de todo o património existente. Reconstrói-se, assim, o sentido de identidade da comunidade, que edifica qualquer projeto de promoção de um território. O que se pretende, neste ínterim, é a divulgação dos atributos próprios a cada lugar, estabelecendo a diferença entre regiões. De notar, que estes territórios encerram simbolismos e significados dispare, sendo que os melhores promotores destas competências territoriais são as pessoas aos quais pertencem. Só pode haver uma espacialização, uma inventariação e uma explicação corretas, se a cooperação da população for uma realidade, pois que esta representa o recurso mais relevante — o humano, sem o qual não será possível levar a bom termo a transmissão do seu legado patrimonial. Somente a partir deste diagnóstico e envolvimento das populações se pode delinear estratégias, implementar projetos e proceder à sua avaliação dentro de uma perspectiva sistémica.

Qualquer trabalho de investigação é, antes de mais, uma forma de ampliar o conhecimento das realidades locais mormente a económica, a social, a cultural, a patrimonial e a natural, pelos diagnóstico e interpretação patrimoniais. A cultura popular, entendendo-se “povo” pela facção económica e culturalmente desfavorecida, permitirá que a cultura chegue a todas as classes sociais, utilizando os meios mais acessíveis, (Besnard, 1991). A ideia de cultura popular, que parte do conceito próprio da antropologia cultural e que refere a cultura como conhecimentos, valores, tradições, costumes, procedimentos e técnicas, normas e formas de relação, apoia-se nos modos de vida que se adquirem e transmitem, se herdam e têm princípio na vida social das populações. A cultura popular encerra uma realidade social onde a cultura é baseada em relações presenciais, com especificidades locais e muito desvalorizada face à cultura dominante e oficial. Carecendo de poder de decisão para estabelecer normas fora do meio em que se insere, tem um certo nível organizacional, mas o seu funcionamento está constantemente exposto às intromissões dos interesses da cultura maior (cultura oficial dominante) (Trilla, 2004).

Associando cultura e relações sociais, encontramos um meio fértil ao desenvolvimento de certos conceitos onde a cultura tem um papel fulcral na construção de novas formas de relação, expressão e comunicação sociais, salvaguardando sempre os indivíduos. Assim sendo, a intervenção e a ação humanas são estruturantes em territórios onde os âmbitos de intervenção podem ter um papel fundamental no auto desenvolvimento de um território e no desenvolvimento das relações grupais e comunitárias. O espaço rural é um meio recheado de cultura popular, onde as diversas culturas regionais fazem parte integrante de um mosaico culturalmente rico que é Portugal. Cada território possui um capital e uma identidade muito próprias, resultantes de especificidades culturais.

O meio rural profundo, pelo seu afastamento ao urbano, caracteriza-se por um desenvolvimento incipiente ou nulo (Ferrão, 2000). São territórios onde o número de habitantes é reduzido, a população maioritariamente envelhecida, os níveis de escolaridade e formação baixos, e onde a maioria dos ativos exercem atividades ligadas à produção agrícola. Atualmente, existe uma mudança do pensamento que modifica, em muito, esta visão reducionista do mundo rural. Em pouco tempo passámos de uma visão onde estes eram tidos como locais de atraso,

envelhecidos, nada atrativos, a uma visão onde se realça o valor patrimonial, e onde o valor simbólico e paisagístico é determinante para o seu desenvolvimento. Como podemos constatar através da LEADER Magazine (1994), “em matéria de cultura, poucas regiões rurais são “desfavorecidas”: depositárias de história e tradições, construídas pelo trabalho de gerações de homens e mulheres, possuem em geral um rico património e até uma identidade cultural forte. A cultura local, fonte de atividade, de orgulho e de bem-estar, pode ser um importante trunfo para o desenvolvimento”. Ora, é nesta cultura e paisagem, que encontramos a riqueza e diversidade identitárias que constituem o património cultural de um território, factores que reforçam a identidade e o sentimento de pertença das populações.

Na década de 60, o conceito de desenvolvimento partia do modelo economicista baseado no crescimento económico indefinido e onde o ser humano era encarado mais como um recurso do que como protagonista do seu progresso. Nos anos 70, a UNESCO celebra a Conferência Mundial sobre Políticas Culturais, e inicia-se a partir daí a aplicação de um novo modelo de crescimento onde a cultura exerce um papel fundamental. É o modelo cultural, onde o desenvolvimento é um processo complexo, global e multidimensional que transcende a simples expansão económica e incorpora todas as dimensões da vida e todas as forças da comunidade. Neste modelo, todos são chamados a contribuir e a usufruir dos benefícios. Nos anos 80, assistimos ao aparecimento de um novo modelo de desenvolvimento, onde o ser humano passa a ser o eixo central. (Serrano, 2005). E assim, os conceitos de participação e promoção sociais passam por um desenvolvimento que integra factores ativos duma comunidade ao serviço da cultura, da qualidade de vida e da promoção sociocultural dos indivíduos e das comunidades das quais fazem parte, mediante uma participação ativa nas instituições e organizações democráticas. (Ucar, 1992).

Neste contexto, podemos afirmar que o desenvolvimento rural passa pelo aproveitamento do potencial dos territórios, assente na variedade e singularidade dos recursos endógenos, e na articulação de esforços dos agentes envolvidos. O “desenvolvimento endógeno”, onde a consciencialização das potencialidades e dificuldades é o início do envolvimento das populações nos projetos e atividades de desenvolvimento, permite a participação ativa e responsável na tomada de decisões em estratégias que se pretendem integradas, promovendo a identidade e o sentimento de pertença ao território e imagem que se deseja projetar.

Aspectos culturais de territórios do interior

Em territórios do interior raiano, a cultura terá que ser abordada necessariamente numa perspectiva antropológica, onde cultura é tudo aquilo que o homem produz para satisfazer as suas necessidades básicas e, ao mesmo tempo, serve de lente pela qual o homem vê o mundo. A cultura apresenta-se-nos numa múltipla abordagem, nos modos de vida, nos produtos endógenos, nas festas, nos rituais, na religião, nas relações ou no carácter das suas gentes. A cultura de um povo, transmissível no uso dum linguagem, elemento indispensável à comunicação dos indivíduos entre si e sem a qual a herança social tal como a entendemos não pode existir compõe-se de um sistema de símbolos verbais que constitui o diálogo multilíngue que o homem tem travado com o ambiente pela sobrevivência, e que cada sociedade condensou de maneira específica, fruto das circunstâncias naturais e particularidades históricas.

Esta linguagem, que define e constitui a identidade e unicidade dos locais, e grupos sociais bem individualizados (Martins, 1993), permite comunicar com o outro. Comunicar

reveste-se, segundo Levinas (2007: 26), d’ “uma intencionalidade que anima o próprio existir e toda uma série de “estados de alma”. Ora, numa sociedade onde é imperativo comunicar, seja pela oralidade, seja pela escrita ou pelas artes, a linguagem aponta uma sabedoria que deve ser ultrapassada; a origem das palavras lugar de análise e reflexão. Abolindo a significação e onde o objecto não passível de uma simples observação é um bem fruído, transformando-se em obra de arte, sendo que “a percepção de coisas individuais resulta de que elas não se dissipam (...) intrinsecamente; ressaltam então para si próprias, perfurando, rompendo as suas formas, não se anulando nas (...) relações que as ligam à totalidade” (Levinas, 2008: 63). Cita-se assim, uma linguagem, uma linguagem do signo, do significante e do significado que impomos a um objecto, a um ser, a uma criação do homem para outro homem. E o discurso nasce, o discurso que permite comunicar, criar, o discurso que consente a revelação ao outro de um pensamento que permite fazendo do pensador um elemento do pensamento pois que este entra no seu próprio discurso, englobando-o. Chegamos assim a uma linguagem que questiona os princípios que laçavam o conhecimento e a sua transmissão, os princípios porque nos interrogamos, os princípios que regem a criação.

Festas e Romarias

As Festas e Romarias são fenómenos culturais fruto da cultura popular, inúmeras vezes estudados por antropólogos nos seus mais variados aspectos, e que revelam a identidade de um povo que, identificando-se no culto religioso, prima pela diferença na manifestação exterior de atos únicos e simples, reveladores da simplicidade das suas almas e emoções. A festa, religiosa ou não, é motivo de orgulho das populações e lugar privilegiado de descoberta do ser humano nas suas mais diversas facetas. Além disso, tradicionalmente, a festa tem não só uma função religiosa mas também profana. Marcando o ritmo da vida e definindo labores nos seus tempos e ritos próprios estrutura, apoiada num tempo que se define nas estações do ano, o social, o religioso, a tradição. Assim, organizam-se grupos que contribuem para a coesão social do povo. Promovendo na festa o nascimento do sentimento de grupo, de coesão social do ano, o social, o das relações na sociedade e no grupo. Segundo Serra (2001: 156) “a solidariedade, a coesão grupal, o sincronismo perfeito e o agonismo acentuado de certos episódios destas ocupações campestres contrastavam nitidamente com a alegria ruidosa, a surtida, o chiste, a piada satírica e buléscas, os dros maliciosos (até obscenos!) e as cenas eróticas de outros, que lhes sucediam ou com eles se misturavam”. Assim, as festas e as romarias são momentos importantes na vida do homem que, pela inferioridade e a rudeza das suas vidas, se apoia nestes momentos para reviver as emoções traduzidas seja na música, seja na dança ou na prática de jogos ancestrais. Nas regiões de fronteira, nomeadamente na raia portuguesa, surgem diversas manifestações culturais que spehnam as realidades locais e o saber popular. Deste modo, são necessários métodos e técnicas que partam das necessidades reais dos indivíduos e da análise da realidade que os rodeia, para que as respostas sociais e culturais sejam um processo vivo, em constante evolução e avaliação, e se necessário reformulação), para que o objetivo último destas manifestações culturais esteja sempre presente, ou seja, a melhoria da qualidade de vida das populações. Assim, analisando a uma como as tradições se consubstanciavam em objetos de arte podemos averiguar de que modo se faz espaço de arte. Se examinarmos o território, perceberemos igualmente de que forma

diversos aspectos de ordem geográfica, geológica e ambiental se manifestam na determinação dos aspetos materiais e imateriais de um mesmo objeto de arte ou tradição.

Perceber de que forma o trabalho do animador sociocultural incorpora essas mesmas tradições - orais, musicais ou outras -, na realização do seu trabalho e na determinação dos objetos artísticos que consubstancia, será fundamental para a determinação de uma nova realidade performativa e cultural. Nasce assim oportunidades únicas de ver e viver momentos raros da cultura popular, que se traduzem em crenças e tradições, em folclore não adulterado e onde a povo nos apresenta com peças de cariz popular que, na sua pureza e originalidade, nos fazem reviver momentos únicos do folclore nacional. No entanto, o folclore não adulterado por vivências externas, por razões sociais e materiais, tende a desaparecer como realidade viva. Urge efetuar a recuperação e preservação de um património rico e único presente na região da raia, no que poderemos chamar de Beira Interior, para nela incluir a Beira Alta e a Beira Baixa. Sendo assim, e "da mesma maneira que se preservam as relíquias literárias, plásticas e arquitetónicas do passado, não só pelo seu valor intrínseco, como por constituírem testemunhos de cultura e de civilização, também a canção popular, como produto e documento de atividade estética, que de toda a evidência é, tem *jus* a ser recolhida, arquivada e estudada, e tanto mais quanto ela pode na realidade prestar incalculáveis benefícios de ordem educativa e artística" (Lopes-Graça: 19-20). A canção popular constitui um espólio importante de saber e de tradição, sendo necessário olhá-la como fonte inesgotável de estudo, não só no seu aspecto musical mas também antropológico e cultural.

As tradições, presentes em diversas manifestações sociais e culturais, renascem nas festas. É na festa que ressurgem e se reforçam os vínculos sociais e afetivos ao lugar e à comunidade de origem do indivíduo, não se verificando assim a perda da sua identidade mesmo que o indivíduo se encontre deslocado e sujeito a outras influências culturais. É na quebra com o tempo, não o tempo - *chronos* mas o tempo da vida, representado pelo quotidiano que se altera em vivências extraordinárias que rompem com o ritual das tarefas diárias e permitem a diferença na unidade dos dias, que o homem revive símbolos e ritos próprios, rituais religiosos e profanos que, demarcando territórios, estabelecem diferenças essenciais na unicidade dos lugares. O folclore é, neste contexto, um elemento que reforça a identidade do lugar pelos elementos emográficos que revela, e "um modo de conhecimento do homem nas suas manifestações artísticas, literárias e culturais tradicionais (além de outras), não sendo assim a canção popular senão um aspecto, na verdade dos mais ricos, sugestivos e reveladores, desse conhecimento" (Lopes-Graça: 22).

O conhecimento, fonte inesgotável de saber, induz no indivíduo comportamentos que, pela sua natureza, revelam ao homem a pertença a uma sociedade vasta na sua natureza e modo de viver. Assim, o indivíduo, mesmo que possuidor de uma identidade individual, possui uma identidade sociocultural que o inclui num grupo mais largo. Esse grupo pode ser a comunidade a que pertence ou a sociedade em que se insere, sendo que cada um desses grupos lhe reclama valores e práticas diferenciadas. A comunidade integra o indivíduo de forma indiferenciada, já a sociedade impõe-lhe critérios específicos, dividindo-os em grupos singulares. Esta divisão entre sociedade e comunidade é anulada pela festa, lugar de pertença do grupo e, por isso, local ideal para a aliança entre os povos. Além disso, a festa permite relembrar crenças e tradições, unindo os povos e criando uma identidade nos valores por que se rege a sociedade. Com efeito, "as populações dos campos, serras, lugares e aldeias de Portugal são depositárias de um tesouro

inexaurível de melodias, que, na sua pureza, na sua frescura, na sua autenticidade étnica, na variedade e naturalidade das suas formas, nas suas surpreendentes características estéticas, em *um jus* a ser consideradas como espelhando inequivocamente a nossa psique (...). Só as gentes da Beira ou do Alentejo, só o sítio transmontano ou o vivaz ribatejano revelam, através dos seus cantares, o nosso génio musical espontâneo" (Lopes-Graça: 23).

Velha Gaiteira

A canção tradicional pode, assim, ser um veículo de conhecimento e de saberes, bandeira de territórios e manifestação de riquezas locais. Neste sentido, podemos dar como exemplo o trabalho do Grupo *Velha Gaiteira*, grupo de música popular e tradicional que, usando a Gaita de Foles e instrumentos de percussão (tambores) reinventam a música e recriam espaços onde a criatividade responde às exigências dos tempos modernos; é a junção da gaita de foles transmontana com o adufe da beira baixa, numa reinterpretção que usa o tambor como instrumento de percussão em substituição do adufe da beira baixa (Monsanto). As formas musicais alteram-se e os resultados, inovadores, respondem ao processo criativo sempre em constante mutação e atualização. Este facto exige a versatilidade e as características a que Lopes-Graça faz referência quando fala da riqueza e da flexibilidade da música popular e tradicional face às leituras que se podem fazer do objeto de arte. Mostra, igualmente, como uma canção tradicional portuguesa pode ser usada, manipulada, transformada no espaço e no tempo, fruto da influência de elementos externos mas intrínsecos a uma forma de ser, a uma forma de estar, de viver e de criar, e que detém as características de um lugar único na sua singularidade. No caso Gaiteira na sua forma mais típica no que toca a melodia e formas de ornamentação. Os instrumentos de percussão, também eles mudados face do adufe original, revelam nos tambores uma inovação que diferencia e reconfigura o traço original da obra de arte; é a reinterpretção dos elementos constituintes pela re-orquestração de uma melodia e de uma harmonia originais. O grupo *Velha Gaiteira*, nascido no Paul com o intuito de divulgar a gaita de foles transmontana e as percussões tradicionais da Beira Baixa, é um projeto musical, no dizer dos seus elementos e raiz tradicional cujo repertório serve como homenagem a todas as velhas gaiterias que mantêm viva a música enquanto veículo de comunicação e expressão cultural e identitária". Pela tradição oral recolhe-se o saber destas gentes e reinterpretá-se, em momentos diferentes e originais, todo um património que se quer preservado e divulgado juntos das grandes massas, e sem o qual todo um povo fenece em face da ausência de história cultural.

Nestes territórios da raia, a necessidade de difundir o culto religioso passa, obrigatoriamente, pela promoção de eventos que desenvolvam a Festa e o intercâmbio intergeracional. Caracterizado por ser um espaço portador de traços particulares de personalidade que emanam de um povo marcado pela pobreza, pela rudeza do território onde se insere, pela agricultura de subsistência e pela atividade de contrabando, as Festas e Romarias em hora de um Santo Padreiro são, ainda, formas de afirmação da identidade local. A Festa, nestes locais, permite assegurar o carácter das suas gentes e a demarcação da diferença dos territórios. É a confirmação da identidade local revivida em tradições que asseveram a força e a varonia das populações. É a limitação do território pelas cercanias de Espanha, pela delimitação da fronteira e pela necessidade da defesa do único e do pessoal, pela identificação e pertença a um local.

Assim, temos vários relatos que ilustram diferentes formas de viver a festa que se mostrava lugar privilegiado na afirmação da identidade de um território, proporcionando tanto a solidariedade como o sectarismo que, pela tensão que produziam, provocavam a desordem geral e o tumulto entre as partes.

Neste interm, surge a afirmação do folclore, da canção popular e tradicional que, segundo Lopes-Gracia (s.d. : 41-42), não possui "a perfeição formal, a elaboração larga, o classicismo da canção francesa, da canção inglesa, da canção alemã, nem mesmo porventura da canção espanhola. Aproxima-se pelo seu primitivismo, da canção daqueles outros povos europeus ou ázio-europeus que permaneceram, durante séculos, culturalmente e socialmente mais "atrasados" (conceito este já em si bastante discutível, é certo) como os Russos, os Húngaros ou os Gregos. No entanto, devemos referir que isto não anula o seu interesse folclórico, pois que, se esta música primitiva, ou, talvez menos equivoocamente dito, não suficientemente depurada e subtilizada, segundo um critério "civilizado", apresenta as suas fraquezas sob o ponto de vista de uma estética formal, escolástica, o certo é que não deixa, em contrapartida, de apresentar as suas virtudes sob o ponto de vista do carácter e da expressão: o que perde em organização e cristalização ganha em força sugestiva e em possibilidades de enriquecimento e renova muito do vocabulário musical culto...". A canção popular portuguesa deve ser, em nossa opinião, a aposta clara e inequívoca na construção de uma identidade em território rural, onde a tradição ainda hoje vincula e gere modos de vida e tempos/tempos repletos de ritos, mitos e tradições sendo que denota como o geográfico, o geológico e o ambiental surgem na determinação da componente linguística e musical das suas diversas formações.

Assim, as atividades culturais resultantes da ação do Animador nas suas mais diversas atuações, devem refletir uma inquietação e uma necessidade de responder às exigências e aos desafios de uma sociedade em mutação, onde o ser humano se obriga a promover a diferença e a busca do único como forma de se destacar numa sociedade global; o indivíduo tem que encontrar respostas únicas e singulares que prendam pela diferença e originalidade. As artes, e a música em particular, promovem esta diversidade. O jogo e a imaginação criam o ambiente necessário ao processo criativo que conduzirá à obtenção do objeto artístico e, no caso do Grupo Velha Gaiteira, à animação de pessoas e espaços em locais onde a desertificação joga com o indivíduo na promoção da indiferença e da insatisfação. A busca de elementos tradicionais e locais e a resposta adequada aos territórios onde se inserem, pela dissemelhança que produzem e pela proximidade que sustentam junto dos indivíduos que animam. O uso de materiais locais de foro popular e religioso onde os mundos religioso e profano se fundem, aportam uma mais valia, junto das populações pela integração do único no saber plural que é a festa na sua manifestação mais pura e genuína, em territórios marcados pelo envelhecimento. É a pertença e a revelação do autêntico e do tradicional.

As populações, convidadas a participar, seja diretamente nos espetáculos, seja indiretamente na contribuição que realizam para os conteúdos e recolhas efetuadas, respondem afirmativamente na sustentabilidade dos projetos desta natureza. É o reinventar do único, presente nas vidas dos povos e a manutenção de tradições pelo fazer e refazer de situações. A incorporação de elementos tradicionais na obra de arte, a releitura dos seus constituintes e a transformação da sua forma pela incrustação, interpolação e justaposição de componentes dispersos, conduzem a um novo elemento artístico e a um renovado objeto de arte que se configura a partir da tradição. São estes elementos que nos permitem recitar espaços de arte e religar saberes

O Animador Sociocultural agente impulsionador de novas dinâmicas sociais, artísticas e culturais: A tradição popular, olhares renovados para uma nova realidade e um futuro rememorado na criação cultural de vez popular – Os Velha Gaiteira e tradições que, sem estes momentos e vivências, se perderiam para sempre nos lugares e nos tempos.

Bibliografía

- Ferrão, João (2000), *Relações entre Mundo Rural e Mundo Urbano – Evolução Histórica, Situação Actual e Pistas para o Futuro*, in *Sociologia. Problemas e Práticas*, Nº 33.
- LEADER, Magazine (1994), *Cultura e Desenvolvimento Rural – LEADER – a cultura e o desenvolvimento local*, Nº 8 – Inverno.
- Levinas, Emmanuel (2007), *Ética e Infinito*, Lisboa, Biblioteca de Filosofia Contemporânea, Edições 70.
- Levinas, Emmanuel (2008), *Totalidade e Infinito*, Lisboa, Biblioteca de Filosofia Contemporânea, Edições 70.
- Lopes, Marcelino de Sousa (2006), *Animação Sociocultural em Portugal*, Amarante: Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.
- Lopes-Gracia, Fernando (s.d.), *A Canção Popular Portuguesa*, Lisboa, Coleção Saber. Publicações Europa-América.
- Martins, Júlio de Sousa (1993), *Levantamento Cultural – Exemplos e Sugestões*, Averno, Estrame Editora.
- Santana, Helena, Santana, Rosário (2008), *A arte e o povo – a sonoridade de um canto e de um existir raiano*, *Revista Alinhado*, Ano LXVII - nº11 (III Série), pp. 129-137.
- Serra, Mário Carneira (2001), *O Jogo e o trabalho*, Lisboa, Edições Colibri.
- Serrano, Glória Pérez e Puya, M^{re} Victoria Pérez de Guzmán (2005), *El Animador, Buenas Práticas de Acción Sociocultural*, Madrid, Narcea, S.A. de Ediciones.
- Serrano, Glória Pérez e Puya, M^{re} Victoria Pérez de Guzmán (2006), *Qué es la Animación Sociocultural – Epistemología y Valores*, Madrid, Narcea, S.A. de Ediciones.
- Tilla, Jaime (coordenador) (2004), *Animación sociocultural – Teorías, programas y ambientes*, Barcelona, Ariel Ediciones.
- Uyar Xavier (1992), *La animación sociocultural*, Barcelona, Ediciones CEAC.
- Ventosa, Victor J. (Coord.) (2006), *Perspectivas actuais de la Animación Sociocultural – Cultura, tiempo libre y participación social*, Madrid, Editorial CCS.

Ficha Técnica

Título

O Animador Sociocultural no Século XXI - perfil, funções, âmbitos, metodologias, modelos de formação e projetos de intervenção

Autores

José Dantas Lima Pereira/ Marcelino de Sousa Lopes/ Marta Alexandra Maciel (Coordenadores)

Capa

Fernando DC Ribeiro

Tradução de Textos

Agostinho Diniz Gomes/ António Sousa e Silva/ Lúcia Cunha/ Rosário Santana/ Rui Forte/

Susana Figueiredo

Revisão e Supervisão de Textos

Fernanda Maria Barros da Cunha

Apoio Gráfico

Fernando DC Ribeiro/ Manuel Carneiro

Composição e Impressão

Gráfica do Norte - Amarante

Local e data de Edição

Chaves, novembro de 2015

Editor

INTERVENÇÃO - Associação para a Promoção e Divulgação Cultural/ Chaves

ISBN

978-989-97571-8-9

Depósito Legal

399824/15

1ª Edição

Novembro, 2015

Esta publicação não pode ser reproduzida nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outras, sem prévia autorização escrita do editor.

ÍNDICE

PREFÁCIO

Miguel Costa Gomes, *Presidente da Câmara Municipal de Barcelos* 9

INTRODUÇÃO

José Dantas Lima Pereira/ Marcelino de Sousa Lopes/ Marta Alexandra Maciel 11

ARBITRAGEM CIENTÍFICA

..... 13

TEXTOS DE ABERTURA

Toni Puig Picart

Animador Sociocultural - Simplesmente 15

José Antonio Caride Gómez

Entre a resistência e a transformação – Onde mora a animação e @s animador@s socioculturais? 27

HOMENAGEM A MARCO MARCHIONI

Marcelino de Sousa Lopes

Marco Marchioni: Um pedagogo da vida comunitária 39

Marco Marchioni

Seja hoje algo de extraordinário e igualitário como trabalhador comunitário 41

CAPÍTULO I

A FORMAÇÃO DE ANIMADORES SOCIOCULTURAIS EM PORTUGAL E NA EUROPA

Jenny Sousa

O estágio curricular: o verdadeiro "tubo de ensaio" na formação do animador 45

José Conde

A Formação dos Animadores Socioculturais em Portugal: A massificação de uma oferta formativa inadequada, desqualificada, sem sustentação e os reflexos negativos na profissão dos animadores socioculturais 53

Marcelino de Sousa Lopes

Que Animadores Socioculturais e que formação para o Século XXI 61

Fernanda Cunha/ Dantas Lima

Espacos Educativos não formais na formação do Animador Sociocultural 75

CAPÍTULO II

ANIMADORES SOCIOCULTURAIS E ÂMBITOS DE INTERVENÇÃO

Agostinho da Costa Diniz Gomes

O Animador Sociocultural e a Intervenção Musical 87

Marisa Filipa Teixeira <i>O Animador Sociocultural e a Intervenção Teatral</i>	95
Juliana Pedreschi Rodrigues <i>O Animador Sociocultural como Educador não formal</i>	105
Lígia G. Silva <i>Animador Sociocultural – Promotor de educação para a paz</i>	117
CAPÍTULO III PERFIL, ÉTICA E DEONTOLOGIA PROFISSIONAL DOS ANIMADORES SOCIOCULTURAIS	
Joana Campos <i>Animadores Socioculturais e Animação Sociocultural: desafios e dilemas profissionais nas sociedades contemporâneas</i>	125
Manuel Francisco Vietes <i>A Animação Sociocultural e os seus adjectivos. Contributos para uma problematização do campo numa perspetiva profissional, ética e deontológica</i>	133
Joaquim José Jacinto Escola <i>A ética e deontologia Profissional na Profissão de Animador Sociocultural. A construção de um espaço público democrático</i>	141
Ana Vieira/Ricardo Vieira <i>Éticas plurais, perfil e competências do animador sociocultural</i>	149
CAPÍTULO IV ANIMADORES SOCIOCULTURAIS – EMPREGO, TRABALHO, EMPREENDEDORISMO	
António Ricardo Batista <i>Animação, Animadores e Mercado de Trabalho: incertezas e controversias</i>	159
Fernando Ilídio Ferreira <i>Da carreira às trajetórias profissionais: desafios do trabalho em animação sociocultural</i>	173
Carla Cibebe/ Sandra Cordeiro <i>Estudantes de Animação Sociocultural: percursos traçados entre a formação e o mundo do trabalho</i>	181
Ricardo Pocinho/Pedro Belo/Gisela Santos/Ricardo Madeira <i>Animador Sociocultural na Terceira Idade – uma profissão com futuro?</i>	191
CAPÍTULO V METODOLOGIAS E PROJETOS DE INTERVENÇÃO DO ANIMADOR SOCIOCULTURAL E DA ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL	
Sara de Miguel Badesa/ Pilar Rodrigo <i>Metodologias e Projetos de Intervenção em Animação Sociocultural</i>	199

Eva Corrêa <i>A criatividades como metodologia científica na formação e intervenção dos Animadores Socioculturais</i>	213
Victoria Pérez de Guzmán <i>Animação sociocultural como instrumento para o desenvolvimento humano</i>	221
Rosário Santana/ Helena Santana <i>O Animador Sociocultural agente impulsionador de novas dinâmicas sociais, artísticas e culturais: A tradição e o popular, olhares renovados para uma nova realidade e um futuro lembrado na criação cultural de raiz popular – Os Velha Gaiteira</i>	229

CAPÍTULO VI
A IDENTIDADE DO ANIMADOR SOCIOCULTURAL FACE AOS OUTROS TRABALHADORES SOCIAIS, CULTURAIS E EDUCATIVOS

Albino Viveiros <i>A identidade socioprofissional dos animadores socioculturais – Um tema em aberto</i>	241
Victor Ventosa <i>A Identidade do Animador Sociocultural face a profissões limítrofes</i>	251
Rui Fonte <i>O Animador Sociocultural e o formador de Animadores Socioculturais: contornos e perfil de uma identidade singular</i>	263
Maria José Aguiar <i>A Animação Sociocultural na “Família Profissional” da intervenção social</i>	271
CAPÍTULO VII O ANIMADOR SOCIOCULTURAL – REALIDADE E PERSPETIVAS FUTURAS	
Pilar Rodrigo/ Sara de Miguel Badesa <i>Competências dos Animadores Socioculturais para o Século XXI - a perspetiva tecnológica</i>	281
Avelino Bento <i>Animadores(as) Socioculturais: Formação diversificada e/ou formações específicas para um futuro cada vez mais imprevisível</i>	289
Marta Alexandra Maciel <i>A Animação Sociocultural/ Animador Sociocultural e intervenção em Museus: Dinâmicas na trilogia Cidade Educadora, Participação e Criatividade</i>	295
Ana Fontes <i>Animadores Culturais: realidade e perspetivas de futuro - um estudo com os alunos finalistas e recém-licenciados</i>	305

CAPÍTULO VIII EXPERIÊNCIAS DE ANIMADORES SOCIOCULTURAIS

Abrão Costa <i>PASEC, inovação social e Animação Sociocultural</i>	315
Deise Sartori/ Paula Caroline Souza <i>A Formação de Animadores Socioculturais na região sul da cidade de São Paulo</i>	325
Isabel Filipe <i>Partilha de Saberes: uma experiência intergeracional</i>	335

REFLEXÃO SOBRE O ESTATUTO DO ANIMADOR SOCIOCULTURAL

Carlos Costa <i>Estatuto e Deontologia do Animador Sociocultural: A problemática do Estatuto dos Animadores em Portugal</i>	345
Marcelino de Sousa Lopes <i>Breve apontamento da história do estatuto de Animador Sociocultural</i>	351

TEXTO DE ENCERRAMENTO

Jean-Claude Gillet <i>Qual o papel mais pertinente para a Animadora ou o Animador profissional: O do militentismo ou o do compromisso?</i>	361
CURRICULUNS	371

PREFÁCIO

A Câmara Municipal de Barcelos assume a Educação como um dos principais objetivos estratégicos, tem vindo a concretizar um conjunto de programas de desenvolvimento das condições educativas e de apoio às escolas e aos profissionais que nelas desenvolvem as suas atividades, aos alunos e às famílias e, de um modo geral, a todos os parceiros que fazem da Educação a sua missão quotidiana.

Com base nesta prática política e no entendimento que a tarefa educativa só se realiza na estreita articulação dos diversos agentes, o Município de Barcelos tornou-se uma Cidade Educadora, aderindo ao círculo das cidades que elegem a Educação como primado civilizacional.

Quando falamos em Barcelos como "Cidade Educadora", falamos num trabalho em rede que tem vindo a ser desenvolvido pelo Município nos últimos anos e que parte de uma relação forte e viva entre o plano educativo e o plano social, concretizada em políticas de promoção da igualdade de oportunidades, da inclusão social e de uma escola pública de excelência.

São os resultados positivos alcançados nas escolas do nosso concelho que nos dão a certeza do caminho que percorremos, sendo certo que o sucesso obtido não seria possível sem o trabalho e a dedicação de todos – dos técnicos, das instituições escolares, das freguesias, dos voluntários e de todos os barcelenses que nos confiaram a tarefa maior de preparar o futuro das novas gerações.

Dai a importância da realização, no mês de novembro de 2015, em Barcelos, do Congresso Internacional "O Animador Sociocultural no século XXI", porquanto se evidenciará a importância e o papel do Animador na nossa sociedade. Porque, para ser um Animador Sociocultural não basta querer e ter vocação, é preciso o saber ser e o saber fazer, já que a este profissional compete a árdua tarefa de preparar o indivíduo para viver em sociedade.

Miguel Costa Gomes
Presidente da Câmara Municipal de Barcelos